

Trimestre.....	24000
Semestre.....	46000
Anno.....	86000

# O PENSADOR.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

...Di Jan son vintu parvul facientes, et circumferantur una vultu doctriam, in septuaginta hominum, in salutem ad circumferendum erroris.  
(S. Paulo, ad Hebraeos, Epistola Cap. V. v. 14.)

Maranhão, 30 de Novembro de 1880

Propriedade de uma associação

### AVISO.

Teraina com este numero o nosso primeiro trimestre.

Com o segundo numero do seguinte trimestre publicaremos, em supplemento especial, o juizo do jornalista brasileiro e portuguez relativo a O PENSADOR: e nessa occasião—20 de Dezembro—daremos boas festas aos nossos estimaveis assignantes.

O mimo que lhes destinamos será uma verdadeira sarpeza anti-jesuitica.

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE NOVEMBRO DE 1880.

A noite envolvera no seu negro sudario de trevas a eterna cidade do despoisimo.

Roma dormia. Debaixo de um céu pezado como uma cupula de chumbo a antiga metropole dos Cesares transformada em sede dos Papas estendia seus membros lirtos entorpecidos pelo somno.

Roma dormia. Dormia porem d'esse somno agitado de que dormem os despois e os escravos. Somno triste que não é repouso, e que parece horrivel como um mixto de vida e de morte.

E reinava o silencio. O silencio apenas interrompido pelo sussurrar do vento nas arcadas do Coliseo, e nos zambórios dos palacios e dos templos.

A treva dominava na cidade santa. A treva que tudo absorvia no seu seio, e que n'este momento, parecendo vencedor, da luz tinha toda a magestade do antigo anjo do cahos.

Porem não, a treva não reina absolutamente. Das janellas de um palacio, do seio de um edificio, jorram clarões avermelhados. E a luz que radia ali. E a luz que expande seus magicos fulgores.

Nem todos dormem na cidade dos Papas; nem todos repousam no throno da Egreja. Subimos as escadarias d'esse palacio, percorramos os aposentos d'essa maravilha da architectura. Vejamos quem vela quando todos dormem.

Vinde commoço. Entrai n'este edificio magico. Olhai para as estatuas e quadros d'estas galerias. Vede estes primores d'arte que as semi-sombras envolvem. Vede o ouro, as joias, os diamantes, scintillando nas abobadas, nas paredes e nos moveis. Contemplai toda esta riqueza desdinhando-se cynica ante vossos olhos deslumbrados. Olhai bem; esta riqueza pertence no mundo ao servo dos servos de Deus. Esta opulencia é a do vigario de Christo na terra. Este palacio, estas alfaias, estes moveis, são as creanças christãs que, transformadas em metes, vieram rolar no fluesouro dos Papas.

E segui-nos n'esta excursão aventureira. Aproximai-vos d'aquella sala tão brilhantemente illuminada. Erguei o reposteiro. O que vedes?

—Vejo uma mulher linda como os anjos. Vejo-a sentida junto de uma meza perdida em meio d'esta immensa sala. Parece meditar. Oh! a bella esta virgem que envolta em negras vestes castas e languida parece realizar o ideal da mulher n'este mundo. A negrura de seu

corpote de veludo faz-lhe realçar a brancura de um collo de jaspe polido. Oh! como arfa seu seio! Que pensamentos divinos, que sentimentos deliciasos, lhe animam esse rosto formoso, esses olhos em que parece brilhar uma chama em que todo o mortal feliz se sentira em azeitar-se. Como é bello esse marmore divino que parece esculpido por Phidias e animado de vida por Deus.

—Não vedes mais nada?  
—Sim. Vejo alem um leito que parece um throno sombreado por um duzel sobrepujado de uma coroa de traz aros. Junto ao leito estão dous quadros. Um representa o Christo na Cruz. O outro é a imagem de S. Pedro tendo nas mãos as chaves do céu.

—So? Nada mais vedes?  
—So. Mas dize-me, onde estor? Que palacio é este, que mulher é aquella, que coroa é essa, que me fascinam os sentidos. Dize-me, onde estor?

—Espera. Olhai ainda uma vez. Na da vedes?  
—Sim: um reposteiro ergue-se. Um homem entra. E velho e alquebrado. Approxima-se da joven... Ah!

—Que vedes?  
—Ella abraça-o... Parece-me ver tremer o Christo no seu quadro. Os olhos do apostolo Pedro animam-se de um fulgor immenso... parece querer sair da tela... Mas a joven e o velho erguem-se. Eíl-os que caminham para junto do leito... A luz dos candelabros parece amolterecer-se. Não mais posso dividir os objectos.

—E nada ouves?  
—Ah! sim: ouço... o estalido de um beijo... Dize-me, quem são esses dous esposos?

—Esposos? enganaste. Filho do povo. Esse homem é o papa Alexandre VI, e essa mulher—sua filha Lucrecia Borgia.

E quinze seculos eram decorridos desde que tu, ó Christo, tinhas vindo pregar ao mundo a tua santa lei de amor. Quinze seculos que cahindo gotta a gotta no immenso oceano da eternidade separavam o throno dos Papas d'essa cruz em que te ergueste no Calvario.

Quinze seculos eram passados desde que te havias mostrado á terra, justo, bom e santo, envolto n'esse manto da virtude que como uma aureola parecia circumdarte. Quinze seculos desde que quizaras fazer do escravo—um homem, desde que tentaras regenerar a humanidade.

E apoz, esses seculos a tua moral, a tua virtude, a tua doutrina, vicissidas no decurso dos tempos pelos impostores e pelos despois, tinham vindo morrer aos pés do throno de teu Vigario—aos pés do Alexandre VI!

E tu não coraste, ó Christo? E tu não ergueste a fousa de tua sepultura ignorada, para vir a terra desmascarar o prazer, para vir arrancar-lhe das mãos o genero humano de que elle tornara a apoderar-se?

Mas não; deixaste-o tripudiar infame sobre as sagradas paginas do teu Evangelho. Deixaste que elle transformasse os templos em bordel, e que celebrasse suas orgias sobre os tumulos de teus primeiros martyres. Consentiste que os infames abuzando de teu santo nome escravissimas os povos e lhes depravassam a consciencia. Não te oppozeste a seus infames intentos e não fizeste rolar

essa Egreja, que vicion tua doutrina, no abyssum immenso da destruição!

Perdão, ó Christo. Perdão, soldado apostolo da liberdade. Deixaras ao homem uma herança e o homem utilitarizou-a. Tinhas ensinado o genero humano a pensar e o homem repudiou o pensamento. Dissiste ao escravo que scendisse as suas cadeias e elle accellou novos grilhões. Perdão, mestre da luz. Tinhas dado á humanidade um patrimonio optulento e ella arruinou-se entregando seu corpo aos reis, e sua consciencia ao sacerdote.

E foi a humanidade quem consentiu que em teu nome se erguesse um edificio de trevas. Foi ella quem sustentou esse Papado infame que tanto sangue custou aos povos. Foi ella quem te repudiou, ó Christo, quando deixou o altar para ir proscriber reverente ante o throno dos Papas. Foi ella quem fez Gregorio VII, Innocencio III, e esse infame Alexandre VI cuja historia é um oceano de lama e cuja filha é a mais fiel imagem que pode existir da Egreja Romana.

Lucrecia Borgia, um symbolo? Sim, mais que um symbolo—um quadro. Essa meretrix, essa filha de um Papa, é o reflexo inalteravel da corrupção a que tinha chegado a Egreja que se intitulava de Jesus. Essa mulher, essa Messalina, é a pintura letifica dessa instituição negra—Catholicismo. Lucrecia, quando um joven ainda, havia sido innocente. O Catholicismo nas catacumbas chamava se Christianismo. Lucrecia fora prostituida por um Papa. O Christianismo havia sido viciado pelos Papas. Lucrecia succumbira á devassidão de seu pai. O Christianismo morrera nas mãos dos ministros de Christo. Lucrecia transformara-se em meretrix. O Christianismo metamorphoseou-se em Egreja Romana. Lucrecia prostitua o corpo. A Egreja prostitua a alma. Lucrecia especulava com os amantes. A Egreja delapidava os povos. Lucrecia armara um irmão contra seu irmão. A Egreja armava as nações contra as nações. Lucrecia amava seu pai. A Egreja apaixonara-se pelos seus Papas.

Lucrecia era a meretrix d'um Papa. A Egreja era a meretrix das consciencias.

A historia do passado tem abyssos aos quaes é perigoso descer. Chegadas a um caminho dessas profundezas, como que do espirito se apodera a vertigem. O homem vacilla, e a razão parece por momentos abandonar-o. Eis o que nos acontece hoje que pretendemos pintar-vos esse execrando Papa que da Egreja recebeu o nome de Alexandre VI.

A theocracia fundada por Gregorio VII e finalmente estabelecida por Innocencio III attingira no XV seculo o auge de seu poderio. A lenta obra emendada pelos primeiros Papas chegara a esse cumulo de dominio que se chama despoisismo absoluto. Não obstante os obstaculos que encontrou na sua marcha, o Catholicismo Romano tocara a meta de suas ambições. Toda a Europa curvava-se ante os Papas, e os povos na oppressão adoravam de joelhos o Deus de Roma.

Foi em meio dessa situação prospera, em meio dessa grandezza papal, que Roderico Borgia subio ao throno pontifical sob o nome de Alexandre VI.

Havia seculos que as virtudes não

eram o apañagio dos ministros de Christo. Havia seculos que a corrupção se abrigara nos templos rindo cynicamente da moral de Jesus. Nunca porem ella dera um passo tão gigante como no dia em que Roderico cingio a tiara.

Infame desde a sua juventude Roderico era um d'esses homens que parecem haver vindo ao mundo para fazer cacar de vergonha a humanidade que deslustraram. Dotado d'exteriores brilhantes, de todas as qualidades attraentes, encerrava no peito o coração de um Nero ou de um Calígula. Extraxa a sua vida publica defendendo nos tribunais os ladros e os assassinos. Dera seus primeiros passos no mundo moral entregando-se a devassidões incriveis, a torpezas inauditas.

Era porem um ambicioso. Atravez das desordens, dos crimes de sua vida, esse homem de lama havia proseguido um intento. Elle, o favorito da corrupção, almejava sentar-se na cadeira dos Papas. Roderico não achava lugar mais proprio para servir de pedestal a seus vicios. No throno dos Papas, dizia elle, pode ser impunemente ladrão, assassino e incestuoso. Essas grandes qualidades já tendo. Haide occupar o lugar de Vigario de Christo.

Tinha sido ardua para elle a empreza. Fizera esforços inauditos para approximar-se do throno pontifical. Achava porem um degrão em seu caminho. Roderico chegou até a moderar durante longo tempo o desenfreamento de seus costumes. Separou-se de sua amante e de seus filhos e aguardou o momento de se apoderar do throno de S. Pedro.

Foi porem longa a prova. O futuro Papa não ponde continuar a representar longo tempo o seu papel de virtude. A corrupção que lhe corroia os ossos, que lhe envenenava o sangue, em vão por annos elle scquitara. Vultou mais terrivel e tremenda, e no seio d'essa Roma em que elle vivia ergueu-se um Iapan. Esse Iapan—era o palacio dos Borgias. Ali rodeado de seus filhos e de sua filha Lucrecia, o cardeal Roderico, despresando todos os legos do sangue, manchava com torpezas indiziveis o que ha mais santo na terra—a familia.

Porem cada passo que Roderico dava na corrupção o approximava do soffio pontifical. Chega o dia em que pode trabalhar para ser Papa. Morre Innocencio VIII. A cadeira de S. Pedro fica vaga. Roderico fixa n'ella seus olhos de albutre e diz emfim—Vou ser Papa.

Que meios emprega elle para conseguir seu fim? Acaso foi a persuasão, acaso foi uma legitima influencia sobre o clero, acaso foi uma reforma absoluta nos seus costumes? Não—as armas que emprega foram o ouro e a corrupção. Gumprou os votos dos cardeais em troca de thesours, e vultou as vozes de sua filha Lucrecia...

Assim subiu ao throno Alexandre VI. Exaltação digna da Egreja.

Com quanto immensamente corrouto Alexandre era um homem do genio. No genio que cria, que produz, mas esse genio de rapina, de dominação, que constitue a força dos despois. Do seio da sua vida desregrada surgira um plano que elle affagava como filho dilecto de seu pensamento. Alexandre souhara a união da Italia.

Desde que desabara esse immenso co-

luso—Imperio Romano, a Italia fraccio-  
nada, dividida, tornara-se como qua a  
peza de todas as nações da Europa.  
Debalde os Papas haviam procurado ren-  
nir a seu torno de si. Vãos haviam sido  
todos os seus esforços. Corruptos, enervados,  
os descendentes do povo romano  
não tinham em si a força de se constituir  
em nacionalidade. Faltava-lhes a energia,  
a força, o vigor e a moralidade.  
Era impossível d'elles fazer uma nação.

Era contra esse immenso obstáculo  
que Alexandre tinha de combater. Não  
se apavorou porém. Confiava na estrella  
de Roma, e nada julgava impossivel aos  
Papas.

Apenas elevado ao solio pontifical por  
a mão n'esta obra gigantesca. Julgou  
actuar um meio de se apoderar da Italia.  
Esse meio foi o ouro. Seria o dinheiro  
que daria a Italia ao herdeiro do S. Pedro.

Mas para empregar o ouro era neces-  
sario tê-lo. Alexandre não trepidou. Da  
própria corrupção serviu-se para alque-  
rilo. Começou a vender todos os cargos  
da Sé Apostolica, e, como fosse  
preciso vendel-os mais de uma vez, en-  
venenou os seus compradores. Por em  
campo o assassinato, a simonia e a astu-  
cia, e ondas de dinheiro rolaram nos  
coffres do Papa.

Tinha tambem outras armas—eram  
seus fillos e sua filha Lucrecia. Serviu-  
o d'elles para conseguir os seus fins.  
Fez dos dois bastardos um duque e um  
cardeal. Um—Francisco de Gandia, seria  
seu general. O outro—Gesar Borgia, se-  
ria o seu braço direito espiritual.

E Lucrecia? O que faria elle de Lu-  
crecia?—Tornara-a a alma das suas in-  
trigas infames. Essa Aspasia encerrada  
no palacio pontifical era a principal  
peça no jogo de Alexandre VI. Era bella,  
era luda, era seductora, e os cardeaes,  
os nobres, os principes, eram corruptos  
e depravados Lucrecia transformou a  
cadeira de S. Pedro n'um prostíbulo.  
Esse prostíbulo trazia dinheiro à Igreja.  
Os ajuizes de Lucrecia eram um dos-  
trumental do Papado. A mulher in-  
costante ainda quente dos abraços de  
seu infame pai, corria a lançar-se no  
seio das intrigas mais torpes. As in-  
trigas rendiam, e o poderio de Alexandre  
aumentava.

E era um pai que lançara sua filha  
n'essa senda d'infâmias! E esse pai era  
um Papa! E esse Papa era o rival de  
seus fillos! E esses fillos guerrejavam-  
se por causa de sua irmã! Ah! Christo,  
tu, que fostes um anjo de virtude, como  
não viesstes à terra esmagar a corrupção  
do teu Vigário, como não viesstes arran-  
car esta vergonha do seio da humanida-  
de?

A Europa não pasmava d'este quadro  
suístris. A Europa habituada a talo es-  
perar dos Papas, olhava serena para esta  
enorme corrupção. Os monarchas cor-  
ruptos e vis viam em Alexandre um dig-  
no rival. Havia como uma grandeza n'esses  
vícios que reinavam no seio d'esse  
monstro. Uma grandeza do trevas, mas  
uma grandeza. Ante ella todos se des-  
cobriam reverentes. Os vícios, os crimes  
d'um Papa, eram mais alguns fulgores nos  
diamantes da throna.

E Alexandre proseguia na sua grande  
obra. O envenenamento, o puábal, a  
corrupção, do dia para dia lhe consoli-  
davam o throno. Teve a audácia de roptar  
a dois monarchas, e servindo-se da astu-  
cia soube arrastal-os um contra o outro.  
Tratou-os como se trata facaios. Foi a  
sua unica obra pia.

Mas como todos os despotas achou um  
obstáculo ante seus passos. Esse obstá-  
culo foi o povo na pessoa do Jeronymo  
Savonarola.

E' mais um martyr da tyrannia da  
Egreja.

Nas grandes crises da humanidade,  
nas grandes tempestades que se desen-  
cadeiam nos povos, um raio de luz re-  
lucida das trevas como para afugental-as.  
E' assim que o século que deu nasci-  
mento a Alexandre VI tambem deu à  
Savonarola. Um—filho da corrupção, pro-

paganda o mal na terra. O outro—fil-  
ho da luz, reconciliando Deus com a hu-  
manidade. Um—encarnação objectiva do  
despotismo do Papa. O outro—encarna-  
ção luminosa do povo.

Savonarola é um filho do povo. Um fillo  
dos escravos calcados aos pés pelos des-  
potas. Um fillo d'esse colosso que Chris-  
to quizera libertar, e que tornara a pre-  
ndar-se em pezaos grilhões. Savonarola é  
o homem que rebenta ao lado do mal, o  
bem que vem a não illuminar o mundo.

E foi no seio da Egreja que este as-  
tro de luz acria todo o seu brilho.  
Ministro do Christo comprehendendo um  
dia a sua sublime missão. Olta para  
Roma, e viu o Papa. Olhou para os thronos,  
e viu os monarchas. Olhou para o  
povo, e viu-o desorganizado. Então um ca-  
lculoso de luz illuminou-lhe a fronte.  
O amor da humanidade agitou-lhe o  
peito. Sentiu em si a coragem das grandes  
sacrificios, e foi pregar a moral ao povo,  
e a guerra aos tyrannos.

Audacia sublime! No seio do despo-  
tismo evocar as grandes ideias de justi-  
ca e de liberdade! Sob o dominio dos  
Papas ousar abertamente pregar a moral!  
Vendo floriscer as monarchias fallar  
ao povo em republica! E, contudo foi o  
que Savonarola pregou ao povo. Não ha-  
via perigos para esta alma grande, não  
existia medo no peito d'este justo imita-  
dor de Jesus.

E o povo que vivia na treva ouviu  
Savonarola. Ouvio-o como se ouve essas  
vozes que nos bradam do seio da tem-  
pestade. O povo—a eterna victima, come-  
çou a comprehender que tinha direitos.  
O povo apaixonou-se pela liberdade e pelo  
bem, e abominou os tyrannos.

Mas Alexandre VI em Roma tinha os  
olhos fillos n'esse movimento. O Papa  
olhava a força para reter a humanidade  
nas suas garras. Pensou e disse—E'  
preciso supprir este homem. Sua vida  
é um perigo para nós. Matemo-lo. A  
Egreja não recua ante um assassino.  
E Savonarola foi perseguido. Os vis  
anathemas de um Papa incetioso pesa-  
ram sobre elle. As excomuniões infames  
de Roma não lhe fizeram vergar a ca-  
beça. Proseguiu na sua grande obra pla-  
cido e tranquilo como quem tem a con-  
sciencia de uma sublime missão.

Alexandre VI pensa então em em-  
pregar os grandes meios. Não conseguira  
que Savonarola morresse ás mãos do  
povo. Vai fazel-o morrer em torturas.  
Vai fazel-o expiar o crime de querer  
libertar a humanidade. Entrega-o aos ver-  
dugos que o corpo lhe dilaceram. Fal-  
to supportar longo tempo tormentos sobre-  
humanos, e depois de haver cexado no  
corpo do martyr o seu excecando furor,  
manta-o queimar n'uma fogueira, e lan-  
çar no Arno as cinzas d'aquelle que fora  
Jeronymo Savonarola. Assim Alexandre  
fazia morrer o justo, assim a Egreja s'en-  
volvía cada vez mais nas dobras do seu  
manto de trevas.

E à hora em que Savonarola morria  
Alexandre no seio de sua infame familia  
recebia os affagos de sua filha Lucrecia,  
aquele desgizara dos largos matrimoniaes,  
e preparava o futuro de seu fillo Gesar  
que havia torpemente assassinado seu  
irmão. Alexandre sentia-se feliz, rico e  
poderoso, e a humanidade ante elle re-  
verente adorava-o como se adora a  
Deus!

Os povos têm sido sempre laboradores  
dos infames.

A plebe crucificou a Jesus e tem ve-  
nerado os Papas.

Perdeu ao escravo esta infamia. Elle  
é escravo.

Não esperéis a luz da escravidão.

Os dolores dos templos de Roma agi-  
tam os ares. Um homem acaba de mor-  
rer. Esse homem é Alexandre VI.

O Papa incetioso, infame e assassino,  
acaba de baixar à terra. As bayas vão  
afimtar-se com o cadaver d'esse mon-  
stro que pezou sobre a humanidade.

Morreu como morrem os infames. Mor-  
reu inventado quando queria envenenar  
os outros. A natureza castigada do  
seus crimes fel-o desaparecer no pó.

Mas não desapareceram da historia. Fi-  
caram para monumento da abjeção da  
Egreja Romana. Ficam para ensinar aos  
povos o que são os vigários de Christo  
na terra.

Povo, grande martyr dos despotas, ap-  
prende a conhecer os Papas.

Humanidade, curva-te ante o vallo ne-  
gro e infame do Catholicismo Romano.  
Adora a Egreja e seus ministros e repudia  
o Christo.

Venera Alexandre VI.

Na historia da Egreja ha paginas de  
sangue e de lama.

Acabou de ler uma d'essas paginas.  
Deixamo-la acima mal frugada, mas  
verdadeira. Não vos pintamos todo o seu  
horror. Não temos a força de vos desen-  
har completamente esse quadro. É um  
esboço. Vos que nos lêdes estadais-o.

Hoje a Egreja já não tem Alexandre  
VI. A moral dos povos não consentiram  
esses monstros. O Papado já não é tão  
infame, mas não é melhor. Supprir com  
a astucia o que lhe falta de força. Se  
não escarta na moral rymicamente é por-  
que tem medo dos povos que o contem-  
plam.

Urde porém na treva as suas redes.  
Alexandre VI viu em out'ora sua filha.  
O Papado quer hoje viciar a mulher. E  
sobre a mulher que o padre romano se  
precipita. Pretende fazer da virgem, da  
esposa e da mãe, um ente corrupto de  
que ha-de servir-se para seus fins ten-  
drissimos. No dia em que elle apoderar-se  
da mulher todo o genero humano será  
seu. O Papa quer possuir o genero hu-  
mano.

A Egreja ainda hoje tem uma grande  
armá—o confessorio. E no confessorio  
que o padre espera a mulher como o  
abutre espera a preza. E no confessorio  
que elle agarrará a mulher para fa-  
lta-la-a e a virgem para prostituí-la.

Vós que tendes mães, esposas e filhas,  
alfaxei de vós o padre romano. Não o  
deixeis transpor o limiar de vossa casa.  
No dia em que elle tiver assento no vosso  
lar a virtude laterá as azas espavorida.  
Fugi d'esse monstro que tudo vicia, fugi  
d'esse infame que tudo deturpa.

Mas não, não fugais. Fugir do padre é  
abandonar-lhe o imperio do mundo. Con-  
batal-o antes. Instrui vossas mulheres e  
vossas filhas. Dai-lhes a luz da sciencia  
para as illuminar. Tornai-as livres e boas,  
e vos matareis o padre.

No dia em que arrancardes a mulher  
das mãos do sacerdote, o genero hu-  
mano será livre.  
Arrancai-a.

**A calumnia em cartaz.**

Havíamos deixado rolar na lama essa  
lança de miserias que com o nome de—  
Primeira carta aos Magos do Maranhão—se  
despachara dos prelos da «Civilização»

E' que effectivamente para nós nenhuma  
importancia podia ter o chato prosa em que  
uma nullidade declarava guerra a uma cor-  
poração de tão respeitavel força. A Maçonaria  
não é de tão pequena estatura que se meça  
com tão exiguos adversarios. A Maçonaria é  
grande e o autor da carta—pequeno. A Ma-  
çonaria não pode nem deve abaxar da sua gran-  
deza.

Pôra portanto com um riso de lá que a  
leitura fizemos d'esse escripto original. Estu-  
dimos-a como se estuda um caritativo. Vi-  
mos ou julgamos reconhecer em tal peça a  
mão de certo jesuita. Dissemos então con-  
nosco—isto só merece em resposta uma gar-  
faldada; isto só deve ter em troca o mais  
pronunciado desprezo. Desprezamos que assim  
o seu presidente e Maçonaria, e que se abste-  
nha de lutar com adversarios indignos d'ella.

Essas reflexões que fizemos creio que fo-  
rão tambem as que fez a sublime instituição.  
Comprehendeu de sua grandeza, e deixou  
o zero ethico tripudiar no acanhado espago  
da sua carta. Considerou tres cartas como  
indignas, e deixou-as para o lado como se  
fizesse um trapéz seu servente algum dezoite.

Ante esta soberana attitude assumida pela  
Maçonaria, o Pensador, que feliz se sentira  
por ver os seus tão nobremente proceder  
não podendo em occupar-se de uma questão  
que a elle interessada recebera a unica res-  
posta que merecia. Tratou da tal carta as suas  
colunas e deixou-o ir morrer nas extremas

oras d'esta ilha nos espaços em que o mar  
alaga a capital de Maranhão.  
Conhecendo porém a tática dos reactiona-  
rios caluniosos, «O Pensador» considerou a tal  
trapéz como o preliminar de um comate.  
Comprehendeu que os papulos da—Civiliza-  
ção—queriam a luta e aguardou a pluxa-  
ção. A luta e uma renúncia d'existencia  
para um jornal como o nosso. E' na luta que  
«O Pensador» pode defender os interesses da  
sociedade moderna. E' na luta que podemos  
victor a avaragem contra a maior das parasita-  
rias sociedades—o padre romano.

E' peramos a continuagão das cartas. De-  
pois do primeiro cantavamos com a segunda  
e terceiro trapés.

**II**

A segunda carta veio. Veio depois de ha-  
ver soffido a luz uma outra publicação inte-  
tada—Maguaria. Veio como continuagão  
da primeira. Veio porém mais cheia de lama.  
Na primeira a unica arma empregada havia  
sido a mentira. Na segunda foi a calumnia,  
a villex, a deslealdade e a maldade. A primeira  
carta podia ser considerada obra de honra,  
a segunda—revelava a mão do padre roma-  
no. E a padre romano não pertence à hu-  
manidade. Está para a honra como a honra  
está para o vicio, como as fezes para o  
metal.

Nessi carta avançam-se censas terriveis.  
E' um longo libello diffamatorio. E' a essen-  
cia ferpentada das villexas que se agitam no  
seio do padre romano. E' a calumnia impu-  
da dos miseravies que querem perverter  
as consciencias. E' o prolo de muitas patre-  
factos com que pretendem macular a Ma-  
çonaria e a nós. E' um conjunto asproso de  
falsidades revalantes—momentaneamente  
da abjeção a que tem chegado essa egreja  
de Roma.

Essa carta é um aporismo, e essa carta  
é um pasquim. Não tem signalaria e foi dis-  
tribuida gratuitamente. Embora se presume  
que foi a mão que a lançou não se pode  
legalmente demonstral-o.

Julgamos conhecer seu autor porque o es-  
tylo chato d'esse escripto tão patetico tem  
o nome. E não é somente o estylo—é tambem  
as calumnias e mentiras que ali se acham.  
Pela senda nos calcavamos a altura do ob-  
jecto.

A primeira vista dirigida contra a Ma-  
çonaria essa carta infame de que tratamos tem  
como missas envolvel-a na causa do Pen-  
sador. E' assim que antes de tratar d'ella veio  
occupar-se de nós. Nas que levantamos aqui  
o estandarte da liberdade do pensamento,  
nas que havemos fastigado os cycloptas  
religiosos, nas que havemos resistido a onda  
do fanatismo com que nos querem immolar,  
nas sanas o principal objecto contra que se  
voltam as iras clericas. E' como não possam  
atacar-nos com a verdade, como não possam  
demostrar-nos que labaramos em erro, vêm  
atribuir-nos infâmias, vem combater-nos com  
calumnias torpes, com mentiras despejadas.  
E na mesma carta em que empregamos armas  
tão vis, filiam de moralidade, de religião,  
de christianismo. Moralidade—elles que vivem  
na corrupção! Religião—elles que com ella  
esperam! Christianismo—elles que como  
ludas venderiam o Christo por trinta di-  
nheiros!

**III**

Re-pender uma por uma as accusações  
torpes que nos são feitas n'essa carta—por-  
que é um trabalho ingrato. Devemos por-  
tanto essa attenção ao publico. Veneremos a  
nossa repugnancia, o nosso tedio, para repellir o  
que ha de injurioso no ataque que nos foi di-  
gido. A injuria foi baixa e vil, mas foi uma  
injuria. A lama que nos arrastaram não con-  
seguiu macular-nos, mas sempre foi lama. Va-  
mos fazel-a voltar para o lugar d'onde veio.  
E' isto por um meio simples—demonstrando o  
que ha de calumnioso nas accusações de que  
fomos victimas.

- 1.° «O Pensador» é publicado sob os auspicios da Maçonaria da qual é instrumento;
  - 2.° Os seus redactores são calumniadores dignos da cadeia ou de assignar termo de bem viver;
  - 3.° A autoria dos artigos insertos no Pensador não pertence aquelles que tem estam-  
pado seus nomes n'esse periodico;
  - 4.° «O Pensador» é um jornal sem qualifica-  
ção possivel;
  - 5.° A opinião publica tem-se amolecido  
contra os adversarios do catholicismo romano;
  - 6.° e ultima. Só a Maçonaria é que pode  
sustentar o Pensador.
- Taes são em substancia as seis calumnias  
com que os reactionarios maranhenses pre-  
tendem macular-nos.
- Es agora as respostas:
- «O Pensador» é um jornal fundado por va-



mas jovens. Sua faculdade foi realizada... mais simples das mezas. Distribuição prospectiva...

onde está aqui a Maçonaria? Onde? Dizem, calunhiadores de Roma, dizem que...

Nos feitos instrumento da Maçonaria? Vinde a nossa redacção, vinde ver as livras da nossa escripturação...

Passemos á segunda accusação. Nos somos, dizem, calunhiadores dignos da cadeia...

Ah! nós somos dignos da cadeia! Dizem porque padres de Roma? Será por sermos vossos adversarios?

Se ha algum digno de cadeia decerto não somos nós. Dignos de cadeia são esses v. especuladores...

Se ha algum digno de cadeia decerto não somos nós. Dignos de cadeia são esses v. especuladores...

so escriptura, e se não quereis fazel o mandado nos algum dos vossos acolytos. Ellos vos levarão os seus autographos...

Dizeis que nosso jornal não tem qualificação possível. Obrigado, padres de Roma. Nós do vos preferimos...

A opinião pública, ajudada n'essa carta monarchical, tem-se mostrada contraria a tais diffamadores...

Ahi estão nossos assignantes para vos responder. Ahi está a prosperidade do nosso jornal para vos confundir...

Esta agora a sexta accusação. Varios a ella responder:

Dizeis que não sendo o hiipo, nem os padres, nem os catholicos, quem nos sustenta, claro é que nosso sustentáculo é a Maçonaria...

Como arabitá do ver todas as vossas calunhiadas cahem por terra. Vossa lamma volta para os lugares infectos d'onde veio...

Accetta um conselho—pensai bem quando nos atacardes.

IV

Agora duas palavras ao exm. sr. Bispo Diocesano.

Na typographia da—Civilisação—têm-se ultimamente publicado cartas contra a Maçonaria. Estas cartas não vêm assignadas...

Respo não deve ignorar quão poucas são as sympathias de que goza aqui... E' necessario que s. exc. não peire a sua posição.

E creta que sera com desgosto que d'elle trataremos. Com desgosto porque nosso maior desejo é velo assumir uma posição digna de pastor das ovelhas...

Escolha

COLLABORAÇÃO

Infamias Jesuiticas.

Ainda não ha muito tempo que o publico viu estupefacto a golfada nauseante, que um miseravel Jesuita—cuja santidade beatas idiotas pregavam—vomitou sobre a respeitavel Nasse Commercial!!!

A Maçonaria foi então escolhida e appareceu nos primeiros pasquins. Mas, oh! infelicidade! ainda desta vez erraram o alvo esses infames referidos.

E que resposta podem merecer esses pasquins de transcripções, estupidamente amantoadas por esse viro covarde pedante...

Como trabalho litterario são elles verdadeira nullidade; e emna argumentação logica cahe por terra...

Citar authores suspectos contra qualquer instituição é tacar a méta do ridiculo. E depois o que são no mundo das letras: Antonio do Pará, ex-habitante da ilha dos cabanos...

Realmente com taes argumentos qualquer intento de barbaça pode facilmente provar, que foi a Maçonaria quem prostituia aquellas duas orphãs de Belém!!!

Em o entretanto os nojentos consumidores da beata boia continuam a preclamar, em todos os cantos, a sapiecia d'esse vilão imum...

Ladra cá, ladra contra tudo e contra todos, mas conta com o ceama.

Euticho.

Dobres e repiques.

A respeito das repiques de Santo Antonio tem-se levantado grande rebulão.

Mas a questão limita-se a uma simples interrupção do somno dos visinhos de Santo Antonio.

Ha, porém, uma questão muito mais grave. E' uma flagrante violação de lei escripta.

Os sinos de Santo Antonio dobram a defuntos quasi todas as manhãs.

Ora, a pastura municipal, n. 38, determina que as unicas igrejas que podem dobrar a defuntos são as tres matizes e a de S. Pantaleão...

Será bom, por tanto, que a autoridade competente olhe para isto. Não devem os padres de Santo Antonio, expropreas ou simples formigões estar a violar a lei.

Elles que fallam tanto em lei, que querem metter todo mundo na cadeia, devem ser compellidos a pagar trinta mil reis do multa, e mais reincidencias e dobro e mais seis dias de prisão.

A lei.

ECHOS DA RUA.

Não temos ecclesias peccadoras; não dispomos da salira; não temos finta do torax; não roabamos a faculta; Senhores a fenna para os Buzios; e sustentamos um jornal com tanta pujança!!!

E' a Maçonaria. Não é canalha, é o publico, é o respeitavel publico maranhense, desde o modesto artista no mais graduado estado que commosco, vos despreza e abomina.

O embusteiro gadebado botou segunda carta, ainda em papel grosseiro.

Tomu um conselho tartufo, imprime as em papel fino e macio... so queres que tenha alguma utilidade.

O Perigoso importado diz, com uma vaidade digna de chivete, que n'esta terra não se executam as leis!!!

Fallas assim infame porque as Authoridades benevolentes te deixam vagar sem a grilheta.

Os redactores d'o pensador deviam estar na cadeia!!!

E o que dizem os contemporaneos d'aquelle familia d'assassinos e ladrões que infelicitado cat'ora o Ceará!!!

Ah não! que não desmentas a rapa!!!

Aza negra—o perigoso—foi atacado de hydrophobia!!!

Cecidao... Bota n'elle Pisceas.

No dia da caladella estiveram no santo Paço além de D. Geriba e dos fornigões nomeados.

- Frei João Marrano
Frei Raimundo Nagriva
Frei Theodoro Tabaco
Almeida, vigario de Piracua,
Sen Puzeta, que não é puro,
Quinz beatas do coração,
O cecelhino do cuja.

No fim da paradedo todos abraçaram os conegos infantis, inclusive as beatas, que alias não são parentas!!!

Uma joven, irmã do coração, despedio-se da santa confraria porque—diz ella—tinha nojo de padre gadebado, que quando falla deita bullhas de cuspo pelos cantos da boca!!!

O Virtuoso D. Geriba continua a visitar a casa do defunto sacristão!!!

Alguns dos novos Filhos—recem gradados—usão barba vermelha no chapéo, p'ra não se confundirem com os conegos velhas!!!

Algo-negra—o embusteiro—sempre que se deffende das nossas justas censuras, diz que atacam o Clero!!!

O perigoso importado diz que conhece a Maçonaria pelo siivo. E o publico conhece te pela boca curta no casso, porco.

João Marrano—o perigoso—disse no seu primeiro pasquin que tinha muitos amigos no Maçonaria; e no segundo chama os Maçons—INDIOS MANHOS E MANHOS!!!

Uma de duas: este tartufo ou é maluco, ou dá-se a embriaguez.

O embusteiro bubão diz que a Maçonaria tem mi nomes.

Não admira, quando elle que nada vale tem todos estes:

- João Marrano,
—Embusteiro,
—Tartufo,
—Aza negra,
—Perigoso,
—Importado,
—Boera d'escarrador,
—Gadebado,
—Conego Saliva.

Dá-se um premio a quem disser o que ha de commum entre o nosso bispo e o padre Camello, encarregado de cantar no lio, em nome da Maçonaria, a missa por alma do Visconde do Rio Branco.

AVIZO.

O Fygarie de Piracua, em consequencia de estar muito cahido a defeito physico que Nosso Senhor lhe deu, resolveu assignar-se d'hoje em diante—

Almeida Cavaleiro.

Movimento dos templos.—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

- Beatas poretonas..... 8
Ditos da Tabularia..... 18
Sua honra zeladora..... 1
Thezoureira das oujas..... 1
Generalia em chefe..... 1
Sen bustão—cretininho..... 1
Jesuitas—camellos..... 5
Ditos do santo pirão..... 3
Curiosos diversos..... 11

NB.—Sen Puzeta não foi porque estava cangado da vara do Paño.

Paula semanal das visitas de D. Geriba ao Convento

- Novembro:
22—Entrou, com dois conegos dos infantis, as 2 e sahio as 5 1/2 horas da tarde.
23—Entrou so, as 10 horas da manhã e sahio na meio dia.
24—Não malta sanidades.
25—Idem idem.
26—Entrou as 8 1/2 da manhã, com um galho d'aberrin, e sahio as 11 1/2, sem elle.
27—Não foi jogar a nickel.
28—Entrou as 7 1/2, só, e sahio as 11 horas da manhã.

Sara Pompadour.

CHRONICA.

Vamos atravessando um marinho insupportavel—as gazetas quasi nada trazem de novo. O aborrecimento abce a boca pela rua e encosta-se na porta das lojas e nas espinhas, com um grande ar de tedio. Pergunta-se qui

